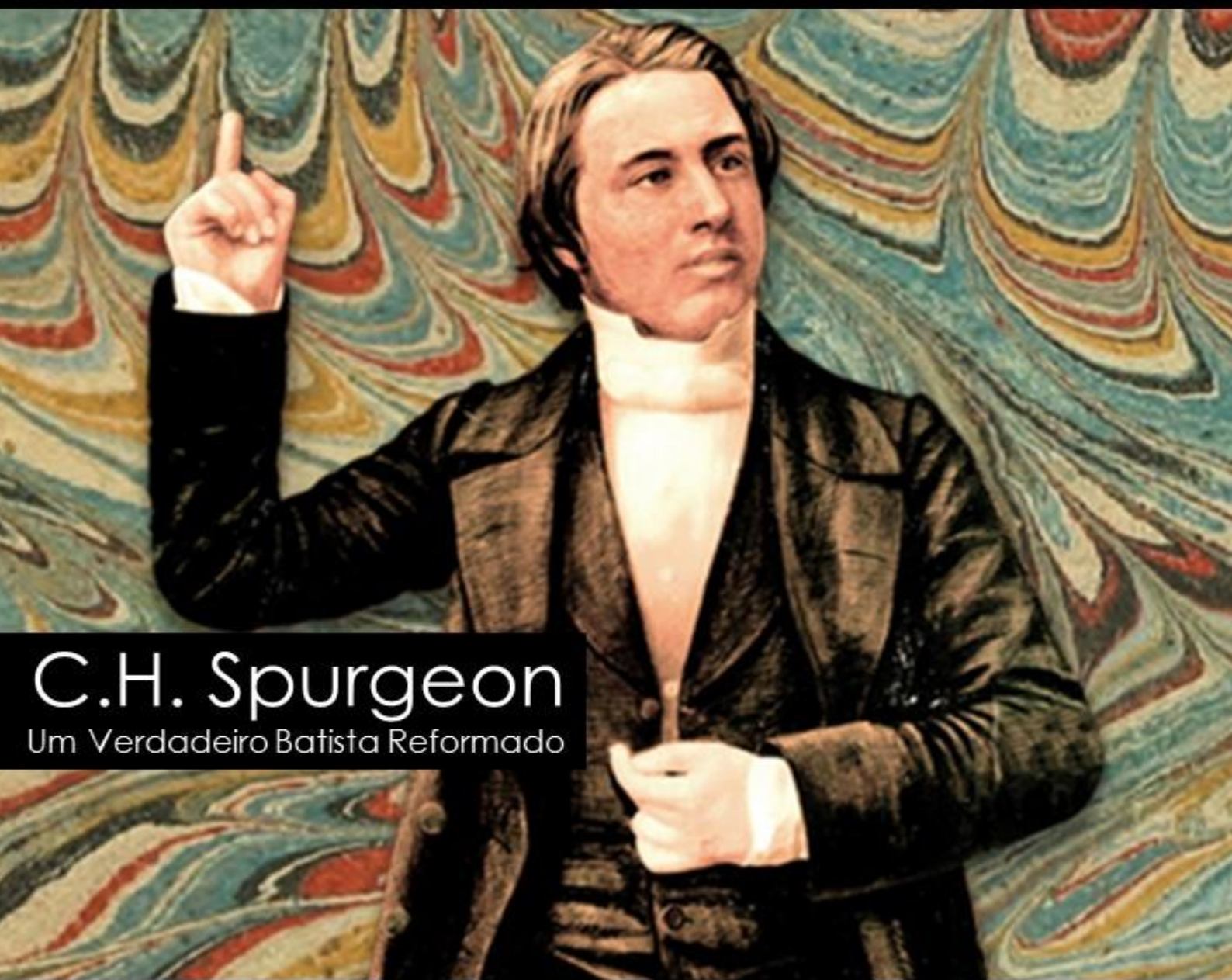


O que é um Batista Reformado? — Tom Hicks —



C.H. Spurgeon

Um Verdadeiro Batista Reformado



O Que é Um Batista Reformado?

Tom Hicks

Traduzido do original em Inglês

What is a Reformed Baptist?

By Tom Hicks

Via: Founders.org

Tradução por Wellington Souza

Revisão e Capa por William Teixeira

1ª Edição: Maio de 2017

Salvo indicação em contrário, as citações bíblicas usadas nesta tradução são da versão Almeida Corrigida Fiel | ACF • Copyright © 1994, 1995, 2007, 2011 Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil.

Traduzido e publicado em Português pelo website oEstandarteDeCristo.com, com a devida permissão do Ministério Founders Ministries (Founders.org), sob a licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International Public License.

Você está autorizado e incentivado a reproduzir e/ou distribuir este material em qualquer formato, desde que informe o autor, as fontes originais e o tradutor, e que também não altere o seu conteúdo nem o utilize para quaisquer fins comerciais.

O Que é Um Batista Reformado?

Por Tom Hicks

O que é que faz um “Batista Reformado” distinto de outros tipos de Batistas e de outros crentes Reformados? Os Batistas Reformados surgiram da Reforma Inglesa, emergiram das igrejas Independentes Pedobatistas na década de 1640 por algumas razões teológicas muito específicas, e mantiveram um tipo particular de teologia. Aqui estão alguns dos distintivos da identidade teológica das igrejas Batistas Reformadas.

1. O Princípio Regulador do Culto. Este distintivo é colocado em primeiro lugar porque é uma das principais razões da separação entre os Batistas Calvinistas e os Independentes Pedobatistas. Os Batistas Particulares (ou Reformados) vieram do Puritanismo, que procurava reformar a Igreja da Anglicana de acordo com a Palavra de Deus, especialmente a sua adoração. Quando isso se tornou impossível devido à oposição autoritária de William Laud, os Puritanos separaram (ou foram removidos) da Igreja Anglicana. Dentro da ala Independente do separatismo Puritano, alguns deles viam a necessidade de aplicar o princípio regulador do culto ao batismo infantil também, considerando que este era o resultado consistente da mentalidade Puritana comum. Os primeiros Batistas acreditavam que os elementos do culto público estão limitados ao que a Escritura ordena. João 4:23 diz: “os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade” (veja também Mateus 15:9). A “verdade” revelada das Escrituras limita a adoração de Deus ao que está prescrito nas Escrituras. [A Segunda Confissão Batista de Londres](#) (CFB1689) 22.1 diz:

O modo aceitável de adorar o verdadeiro Deus é instituído por Ele mesmo² e tão limitado por Sua própria vontade revelada, de forma que Ele não pode ser adorado segundo as imaginações e invenções dos homens ou sugestões de Satanás, nem sob qualquer representação visível ou qualquer outro modo não prescrito nas Sagradas Escrituras.³

² Deuteronômio 12:32

³ Êxodo 20:4-6

Como a Bíblia não ordena o batismo infantil, os primeiros Batistas acreditavam que o batismo infantil é proibido na adoração pública, e o Batismo dos crentes só deve ser praticado como forma de adoração. Esse princípio regulador do culto limita os elementos

do culto público à Palavra pregada e lida, às ordenanças do Batismo e da Ceia do Senhor, à oração, ao canto de Salmos, hinos e cânticos espirituais, e tudo o que a Escritura ordena.

Muitos Batistas hoje abandonaram completamente o princípio regulador do culto em favor do culto orientado ao entretenimento, do consumismo, das preferências individuais, do emocionalismo e do pragmatismo. Esses Batistas abandonaram o próprio princípio que levou ao seu surgimento inicial a partir do Pedobatismo. É necessário considerar se uma igreja pode se afastar de uma doutrina necessária para o surgimento dos Batistas em seu contexto inglês e ainda assim se identificar legitimamente como uma igreja “Batista”.

2. Teologia do Pacto. Enquanto as igrejas Pedobatistas Reformadas às vezes insistem que só elas são herdeiras da verdadeira teologia do pacto, os Batistas Reformados históricos afirmaram abandonar a prática do batismo infantil precisamente por causa da teologia bíblica do pacto.

Os Batistas Reformados concordam com os Pedobatistas Reformados que Deus fez um pacto de obras com Adão, que ele quebrou e assim trouxe condenação a toda a raça humana (Romanos 5:18). Eles também dizem que Deus misericordiosamente fez um pacto de graça com Seu povo eleito em Cristo (Romanos 5:18), que é progressivamente revelado no Antigo Testamento e formalmente estabelecido na Nova Aliança na morte de Cristo (Hebreus 9:15-16). A única maneira pela qual alguém foi salvo sob a Antiga Aliança foi em virtude deste pacto de graça em Cristo, de modo que só existe um Evangelho, ou uma promessa salvífica, ao longo de todas as Escrituras.

Os teólogos pactuais Batistas, no entanto, acreditam que são mais consistentes do que seus irmãos Pedobatistas em relação à própria hermenêutica da teologia do pacto quando dão prioridade ao Novo Testamento. De acordo com o Novo Testamento, a promessa do Antigo Testamento de “você e sua descendência foi finalmente consumada em Cristo, a verdadeira descendência (Gálatas 3:16). Os filhos físicos de Abraão eram um tipo de Cristo, mas o próprio Cristo é a realidade. Os descendentes físicos foram incluídos na Antiga Aliança, não porque todos são filhos da promessa, mas porque Deus estava preservando a linhagem da promessa, até que Cristo, a verdadeira descendência, viesse. Agora que Cristo veio, não há mais razão para preservar uma linhagem física. Pelo contrário, somente aqueles que creem em Jesus são filhos de Abraão, são verdadeiros israelitas e são membros da Nova Aliança e da igreja do Senhor Jesus (Gálatas 3:7). Tanto no Antigo como

no Novo Testamento, a “nova aliança” é revelada como uma aliança apenas com os crentes, que tem seus pecados perdoados e que têm a lei de Deus escrita em seus corações (Hebreus 8:10-12).

Os Batistas hoje que aderem ao Dispensacionalismo acreditam que a descendência física de Abraão é o legítimo destinatário das promessas de Deus à semente de Abraão. Mas eles se afastaram de suas raízes Batistas históricas e da visão hermenêutica da unidade orgânica da Bíblia sustentada por seus antepassados. O teólogo Batista James Leo Garrett observa corretamente que o Dispensacionalismo é uma “incursão” na teologia Batista, que só emergiu aproximadamente nos últimos cento e cinquenta anos. Veja James Leo Garrett, *The Baptist Theology: A Four-Century Study* [A Teologia Batista: Um Estudo de Quatro Séculos] (Macon, GA: Mercer, 2009), pp. 560-570.

3. Calvinismo. Pelo fato de que Batistas Reformados mantiveram a teologia do pacto (federalismo) do século XVII, todos eles eram Calvinistas. Os pactos teológicos da antiga teologia federal sustentavam as primeiras expressões Batistas de sua soteriologia Calvinista. Quando Adão quebrou o pacto das obras, Deus amaldiçoou todos os seres humanos com naturezas totalmente depravadas (Isaías 24:5-6), o que os tornou incapazes e indispostos a virem a Cristo para a salvação.

Mas Deus não deixou a raça humana morrer em pecado; antes, na eternidade, Deus escolheu incondicionalmente um número definido de pessoas para a salvação e fez um pacto de redenção com Cristo sobre sua salvação (Isaías 53, 54:10; Lucas 22:29). Na plenitude dos tempos, Cristo veio ao mundo e obedeceu ao pacto de redenção, cumprindo os termos do pacto de obras que Adão quebrou. No pacto da redenção, Jesus cumpriu perfeitamente a lei de Deus, morreu na cruz, expiou os pecados do Seu povo escolhido e ressuscitou dentre os mortos, tendo assim efetivamente garantido a salvação para eles (Hebreus 9:12).

Deus fez um pacto de graça com Seu povo eleito (Gênesis 3:15, Hebreus 8:15-16) no qual Ele aplica todas as bênçãos da vida merecidas por Cristo no pacto da redenção. O Espírito Santo une misericordiosamente o povo escolhido de Deus a Cristo no pacto de graça, dando-lhes as bênçãos da vida adquiridas pela vida e pela morte de Cristo. Deus os atrai irresistivelmente para Si mesmo em seu chamado eficaz (João 6:37), dá-lhes um coração vivo (Ezequiel 36:26), uma fé viva e arrependimento (Efésios 2:8-9; Atos 11:18), um veredito

de justificação de vida (Romanos 3:28), e uma santidade viva e permanente (1 Coríntios 1:30), fazendo com que eles perseverem até o fim (1 Coríntios 1:8). Todas essas bênçãos de vida são os méritos de Jesus Cristo, adquiridos no pacto da redenção, aplicados no pacto da graça.

A doutrina dos pactos é o solo teológico em que o Calvinismo cresceu entre os primeiros Batistas. Os Batistas Calvinistas hoje precisam recuperar a rica teologia federal de seus antepassados para que as Doutrinas de Graça que redescobriram sejam preservadas para as gerações futuras.

4. A Lei de Deus. Os Batistas Reformados acreditam que os 10 Mandamentos são o resumo da lei moral de Deus (Êxodo 20; Mateus 5; Romanos 2:14-22). Eles acreditam que a menos que entendamos corretamente a lei, não podemos entender o Evangelho. O Evangelho é a boa notícia de que Jesus Cristo guardou a Lei para nossa justificação, vivendo em perfeita obediência para ganhar a bênção da vida contida na Lei e morrendo uma morte substitutiva para pagar a penalidade da Lei. Mas o Evangelho não é apenas uma promessa de justificação. É também a boa notícia de que Cristo promete graciosamente dar o Espírito Santo ao Seu povo para tirar sua iniquidade e torná-los cada vez mais obedientes à lei. Tito 2:14 diz que Cristo “deu a si mesmo por nós para nos remir de toda a iniquidade, e purificar para si um povo seu especial, zeloso de boas obras”.

A Segunda Confissão Batista de Londres, 19.5 diz:

A lei moral obriga para sempre a todos, tanto pessoas justificadas como as demais, à obediência da mesma;¹⁰ e isso não apenas no que diz respeito à matéria nela contida, mas também no que diz respeito à autoridade de Deus, o Criador, que a deu.¹¹ Nem o Cristo no Evangelho de forma alguma a ab-roga, mas antes confirma esta obrigação.¹²

¹⁰ Romanos 13:8-10; Tiago 2:8, 10-12

¹¹ Tiago 2:10-11

¹² Mateus 5:17-19; Romanos 3:31

Portanto, enquanto os crentes justificados estão livres da lei como um pacto de obras para obter justificação e vida eterna (Romanos 7:1-6), Deus lhes dá Sua lei como um padrão de conduta ou regra de vida em sua santificação (Romanos 8:4, 7). A lei moral de Deus,

resumida nos 10 Mandamentos (Romanos 2:14-24, 13:8-10, Tiago 2:8-11), incluindo o mandamento do Sabbath (Marcos 2:27; Hebreus 4:9-10), é um instrumento de santificação na vida do crente. Os crentes descansam em Cristo para sua salvação total. Cristo toma seus fardos de culpa e de vergonha, e Seu povo toma sobre si o jugo de Sua lei, e eles aprendem a obedecer com seu Mestre que é manso e humilde. 1 João 5:3 diz: “Porque este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos; e os seus mandamentos não são pesados”.

Os Batistas que se apegam à Teologia da Nova Aliança, ou Aliancismo Progressivo, não têm a mesma visão da lei que a corrente dominante de seus antepassados Batistas.

5. Confessional. A maioria dos primeiros Batistas, tanto na Inglaterra como na América, sustentavam a Segunda Confissão Batista de Londres de 1677/1689. Embora certamente nem todos os Batistas Calvinistas subscreveram esta Confissão, contudo, ela foi a principal influência entre os Batistas na Inglaterra e na América após a data de sua publicação. Essa Confissão, baseada na Confissão de Westminster (Presbiteriana) e na Declaração de Savoy (Congregacional), foi originalmente editada e publicada em 1677, mas formalmente adotada pelas igrejas Batistas em 1689, depois que a perseguição na Inglaterra arrefeceu.

Os Batistas Reformados históricos eram completamente confessionais. Eles não eram “biblicistas”. Biblicistas negam palavras e doutrinas não explicitamente declaradas nas Escrituras, e negam que o ensino histórico da igreja sobre a Bíblia tenha qualquer autoridade secundária na interpretação bíblica. Os primeiros Batistas, no entanto, não acreditavam que os membros individuais da igreja ou pastores individuais deveriam interpretar a Bíblia divorciada do ensino histórico da igreja (Hebreus 13:7). Eles acreditavam que a Bíblia por si só é suficiente para a doutrina e para prática, mas também acreditavam que a Bíblia deve ser explicada e lida à luz da tradição interpretativa da igreja (1 Timóteo 3:15), que usa palavras que não estão na Bíblia (Atos 2:31 é uma refutação do biblicismo, já que o Salmo 16 é explicado com palavras que não são usadas nesse Salmo). Os Batistas Reformados acreditavam que sua teologia estava ancorada na rica herança teológica da igreja e que era um desenvolvimento natural da doutrina da igreja à luz dos insights centrais da Reforma (*Sola Scriptura*: não ao Batismo de bebês; *Sola Fide*: somente os convertidos, crentes fazem parte do povo de Deus).

Sob a alegação de defender o *Sola Scriptura*, muitos Cristãos hoje procuram ler a Bíblia de

forma independente e chegar a suas próprias conclusões particulares sobre o seu significado, sem consultar os mestres autorizados da igreja ou as Confissões ortodoxas de fé. Mas isso não é o que *Sola Scriptura* significava historicamente. As Escrituras ensinam que a igreja é a “coluna e firmeza da verdade” (1 Timóteo 3:15). A igreja como um todo é encarregada de interpretar a Bíblia, e ao longo da história Deus autorizou mestres na igreja. Portanto, enquanto por um lado cada Cristão individual é responsável por entender a Escritura por si mesmo, por outro, nenhum Cristão deve estudar a Bíblia sem qualquer consideração ao que os grandes mestres do passado ensinaram sobre a Bíblia.

A maioria dos Batistas Reformados históricos confessavam à Segunda Confissão Batista de Londres de 1689, porque eles acreditavam que ela é um compêndio de teologia que melhor resume o ensino da Escritura, como uma pequena bússola.

Sola Scriptura!
Sola Gratia!
Sola Fide!
Solus Christus!
Soli Deo Gloria!

OUTRAS LEITURAS QUE RECOMENDAMOS

Baixe estes e outros e-books gratuitamente no site oEstandarteDeCristo.com.

- 10 Sermões — R. M. M'Cheyne
- Adoração — A. W. Pink
- Agonia de Cristo — J. Edwards
- Batismo, O — John Gill
- Batismo de Crentes por Imersão, Um Distintivo Neotestamentário e Batista — William R. Downing
- Bênçãos do Pacto — C. H. Spurgeon
- Biografia de A. W. Pink, Uma — Erroll Hulse
- Carta de George Whitefield a John Wesley Sobre a Doutrina da Eleição
- Cessacionismo, Provando que os Dons Carismáticos Cessaram — Peter Masters
- Como Saber se Sou um Eleito? ou A Percepção da Eleição — A. W. Pink
- Como Ser uma Mulher de Deus? — Paul Washer
- Como Toda a Doutrina da Predestinação é corrompida pelos Arminianos — J. Owen
- Confissão de Fé Batista de 1689
- Conversão — John Gill
- Cristo É Tudo Em Todos — Jeremiah Burroughs
- Cristo, Totalmente Desejável — John Flavel
- Defesa do Calvinismo, Uma — C. H. Spurgeon
- Deus Salva Quem Ele Quer! — J. Edwards
- Discipulado no Tempo dos Puritanos, O — W. Bevins
- Doutrina da Eleição, A — A. W. Pink
- Eleição & Vocação — R. M. M'Cheyne
- Eleição Particular — C. H. Spurgeon
- Especial Origem da Instituição da Igreja Evangélica, A — J. Owen
- Evangelismo Moderno — A. W. Pink
- Excelência de Cristo, A — J. Edwards
- Gloriosa Predestinação, A — C. H. Spurgeon
- Guia Para a Oração Fervorosa, Um — A. W. Pink
- Igrejas do Novo Testamento — A. W. Pink
- In Memoriam, a Canção dos Suspiros — Susannah Spurgeon
- Incomparável Excelência e Santidade de Deus, A — Jeremiah Burroughs
- Infinita Sabedoria de Deus Demonstrada na Salvação dos Pecadores, A — A. W. Pink
- Jesus! — C. H. Spurgeon
- Justificação, Propiciação e Declaração — C. H. Spurgeon
- Livre Graça, A — C. H. Spurgeon
- Marcas de Uma Verdadeira Conversão — G. Whitefield
- Mito do Livre-Arbitrio, O — Walter J. Chantry
- Natureza da Igreja Evangélica, A — John Gill
- Natureza e a Necessidade da Nova Criatura, Sobre a — John Flavel
- Necessário Vos é Nascer de Novo — Thomas Boston
- Necessidade de Decidir-se Pela Verdade, A — C. H. Spurgeon
- Objeções à Soberania de Deus Respondidas — A. W. Pink
- Oração — Thomas Watson
- Pacto da Graça, O — Mike Renihan
- Paixão de Cristo, A — Thomas Adams
- Pecadores nas Mãos de Um Deus Irado — J. Edwards
- Pecaminosidade do Homem em Seu Estado Natural — Thomas Boston
- Plenitude do Mediador, A — John Gill
- Porção do Ímpios, A — J. Edwards
- Pregação Chocante — Paul Washer
- Prerrogativa Real, A — C. H. Spurgeon
- Queda, a Depravação Total do Homem em seu Estado Natural..., A, Edição Comemorativa de Nº 200
- Quem Deve Ser Batizado? — C. H. Spurgeon
- Quem São Os Eleitos? — C. H. Spurgeon
- Reformação Pessoal & na Oração Secreta — R. M. M'Cheyne
- Regeneração ou Decisionismo? — Paul Washer
- Salvação Pertence Ao Senhor, A — C. H. Spurgeon
- Sangue, O — C. H. Spurgeon
- Semper Idem — Thomas Adams
- Sermões de Páscoa — Adams, Pink, Spurgeon, Gill, Owen e Charnock
- Sermões Graciosos (15 Sermões sobre a Graça de Deus) — C. H. Spurgeon
- Soberania da Deus na Salvação dos Homens, A — J. Edwards
- Sobre a Nossa Conversão a Deus e Como Essa Doutrina é Totalmente Corrompida Pelos Arminianos — J. Owen
- Somente as Igrejas Congregacionais se Adequam aos Propósitos de Cristo na Instituição de Sua Igreja — J. Owen
- Supremacia e o Poder de Deus, A — A. W. Pink
- Teologia Pactual e Dispensacionalismo — William R. Downing
- Tratado Sobre a Oração, Um — John Bunyan
- Tratado Sobre o Amor de Deus, Um — Bernardo de Claraval
- Um Cordão de Pérolas Soltas, Uma Jornada Teológica no Batismo de Crentes — Fred Malone



2 Coríntios 4

¹ Por isso, tendo este ministério, segundo a misericórdia que nos foi feita, não desfalecemos;

² Antes, rejeitamos as coisas que por vergonha se ocultam, não andando com astúcia nem falsificando a palavra de Deus; e assim nos recomendamos à consciência de todo o homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade. ³ Mas, se ainda o nosso evangelho está encoberto, para os que se perdem está encoberto. ⁴ Nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus. ⁵ Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o Senhor; e nós mesmos somos vossos servos por amor de Jesus. ⁶ Porque Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo. ⁷ Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus, e não de nós.

⁸ Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados. ⁹ Perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos; ¹⁰ Trazendo sempre por toda a parte a mortificação do Senhor Jesus no nosso corpo, para que a vida de Jesus se manifeste também nos nossos corpos; ¹¹ E assim nós, que vivemos, estamos sempre entregues à morte por amor de Jesus, para que a vida de Jesus se manifeste também na nossa carne mortal. ¹² De maneira que em nós opera a morte, mas em vós a vida. ¹³ E temos portanto o mesmo espírito de fé, como está escrito: Cri, por isso falei; nós cremos também, por isso também falamos. ¹⁴ Sabendo que o que ressuscitou o Senhor Jesus nos ressuscitará também por Jesus, e nos apresentará convosco. ¹⁵ Porque tudo isto é por amor de vós, para que a graça, multiplicada por meio de muitos, faça abundar a ação de graças para glória de Deus. ¹⁶ Por isso não desfalecemos; mas, ainda que o nosso homem exterior se corrompa, o interior, contudo, se renova de dia em dia. ¹⁷ Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente; ¹⁸ Não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas.